



11º Encontro Internacional de Política Social 18º Encontro Nacional de Política Social

**Tema: Entre o capital e a vida: questão social,
crise ambiental e resistências**

Vitória, ES, Brasil, 18 a 20 de agosto de 2026

Eixo: Democracia, participação e movimentos sociais

Hip Hop na Baixada Fluminense como resistência e quilombo contemporâneo¹

Luiza dos Santos Jorge²

Esse estudo é uma reflexão teórica produzida a partir de um projeto de intervenção desenvolvido no âmbito do programa de pesquisa PROAFRO da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. O trabalho busca compreender o Hip Hop na Baixada Fluminense como uma forma contemporânea de aquilombamento negro, entendendo-o não apenas como expressão cultural, mas também como movimento de participação política e resistência coletiva. A pesquisa parte da compreensão de que a Baixada Fluminense é historicamente marcada por desigualdades sociais, violência estatal e ausência de políticas públicas, contexto em que as batalhas de rima e demais manifestações do Hip Hop surgem como espaços de organização, denúncia social, formação política e fortalecimento da juventude negra periférica.

A partir da minha inserção enquanto frequentadora das batalhas de rima na Baixada Fluminense, observo que esses espaços ultrapassam a dimensão artística ou competitiva. O Hip Hop atua como prática coletiva de sobrevivência, sociabilidade e mobilização social, possibilitando a construção de redes de solidariedade e pertencimento. Nesse sentido, o estudo dialoga diretamente com os debates acerca de democracia participativa, movimentos sociais e participação popular, compreendendo que a atuação da sociedade civil negra periférica também redefine os sentidos de cidadania e democracia no Brasil.

Ao discutir democracia e questão racial, torna-se necessário compreender as contradições da formação social brasileira. Nesse sentido, Lélia Gonzalez denuncia como o mito da democracia racial atuou historicamente no apagamento das violências sofridas pela população negra. Para a autora, a sociedade brasileira construiu uma falsa ideia de harmonia racial enquanto mantinha profundas desigualdades estruturais (GONZALEZ,

¹ A autora concorda com a divulgação do trabalho.

² Graduanda em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e bolsista de extensão no programa PROAFRO. Email: luizadsj123@gmail.com.

1984). Dessa forma, pensar os movimentos culturais negros também significa pensar estratégias de enfrentamento ao racismo estrutural e às formas históricas de exclusão política.

Além disso, Frantz Fanon (1968) contribui para compreender como o racismo ultrapassa a dimensão biológica e passa a atingir também a cultura e os modos de existência dos colonizados. Segundo o autor, o colonialismo busca deslegitimar as expressões culturais negras, promovendo um processo de apagamento simbólico. Nesse sentido, o Hip Hop surge como uma prática de resistência cultural que enfrenta diretamente essa tentativa de silenciamento, transformando a música e a ocupação dos espaços urbanos em instrumentos de denúncia e conscientização coletiva.

A discussão sobre quilombo também ocupa centralidade nesta pesquisa. De acordo com Beatriz Nascimento (2006), o quilombo ultrapassa a noção de espaço físico de refúgio durante a escravidão, constituindo-se também como organização política, cultural e coletiva de resistência negra. Para a autora, o aquilombamento permanece vivo na contemporaneidade através de práticas de proteção, fortalecimento e construção coletiva da população negra.

Por fim, as batalhas de rima tornam-se espaços democráticos onde jovens negros discutem racismo, violência policial, desigualdade social e exclusão urbana. Além disso, funcionam como mecanismos de circulação de conhecimento e formação política fora dos espaços institucionais formais. Dessa maneira, o Hip Hop aproxima-se das práticas dos movimentos sociais contemporâneos ao utilizar a arte, a oralidade e as tecnologias da comunicação como formas de mobilização social e participação política.

Referências

FANON, Frantz. **Em defesa da revolução africana**. Lisboa: Sá da Costa, 1968.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: SILVA, Luiz Antônio Machado *et al.* **Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos**. Brasília: ANPOCS, 1984.

NASCIMENTO, Beatriz. **O negro visto por ele mesmo**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.